

## A RACIONALIDADE NO ORTÔNIMO FERNANDO PESSOA

Donaldo Schüler

Quem se aventura ao estudo de Fernando Pessoa colhe a experiência da imensidão. Fernando Pessoa é poeta no plural, é poetas. E os poetas em que se desdobra Fernando Pessoa cultivam muitos gêneros: lírica, épica, teatro, ensaio, epistolografia. Oferecem contrastes violentos. Um se prende ao sensível, outro luta por ultrapassá-lo; um derrama a violência do irracional em versos caudalosos, outro é comedido, reflexivo, um é epicureu, outro é estóico, outro se debate em dúvidas insolúveis, um é horaciano, outro é camoniano, outro é modernista.

O poeta viu no teatro a sua vocação mais autêntica: “O ponto central da minha personalidade é que sou um poeta dramático, tenho continuamente em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo”. Os heterônimos são personagens consciente e coerentemente criados pelo teatrólogo Pessoa: “Êstes nomes (Caeiro — Reis — Campos), porém, não são pseudônimos; representam pessoas inventadas como figuras em dramas ou personagens declamando isoladas em um romance sem enrêdo.”<sup>1</sup> Saíram tão bem caracterizadas, que mesmo um pequeno número de versos os identifica. Mas em todos êles se reconhece Fernando Pessoa. Por outro lado, no ortônimo encontram-se já embrionariamente os heterônimos. O presente trabalho se ocupará dêstes três aspectos: 1) interpretar o ortônimo Fernando Pessoa, 2) isolar os momentos em que um ou outro dos heterônimos se esboça, 3) indicar esquematicamente a presença de Fernando Pessoa nos heterônimos.

A qualidade fundamental de Fernando Pessoa é sua desperta atitude reflexiva. “O que em mim sente está pensan-

---

1 — *Poemas Dramáticos*, p. 25.



do". (111) No poema em que se lê este verso, o poeta inveja e deseja a felicidade da ceifeira. A cantiga da ceifeira se lhe derrama no coração. Descobre na voz uma alegria "sem razão!" Gostaria de transformar-se nessa alegria inocente, mas com inteira consciência da transformação. Quer a consciência de uma alegre inconsciência. É na consciência que está o eu pessoano:

*Ah, canta, canta sem razão!  
O que em mim sente está pensando.  
Derrama no meu coração  
A tua incerta voz ondeando!*

*Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso... (111)*

Fernando Pessoa não consegue ser lírico puro. Pessoa vive a croceana indistinção dos gêneros. O lirismo puro requer a identificação de sujeito e objeto — identificação inconsciente, o que se encontra em Safo e João de Deus. Fernando Pessoa não perde jamais consciência de si, não abdica de si mesmo nem nas metamorfoses. A consciência garante-lhe a identidade. Distancia-o reflexivamente de tudo, até de si mesmo. Em certos momentos, descobre outro olhar pelos seus próprios olhos. É de notar que isto não lhe acontece sem que o perceba. Pessoa realiza o ideal platônico do absoluto domínio da razão sobre a totalidade da vida psíquica. O coração de Fernando Pessoa é um coração domesticado. É um coração que sente, sim; encanta-se com a natureza, lembra saudosamente a infância, olha apreensivo para o futuro. Em momento algum, no entanto, age soberanamente. Está controlado pela medida apolínea da razão e da ordem. A inconsciência desordenada não invade nunca os poemas de Pessoa. Isto se nota formalmente nos versos: orações curtas, sintaxe clara, medidas exatas. A adjetivação, pouca, não perturba o propósito da sentimentalidade refletida.

Num apontamento observa Fernando Pessoa sobre o ritmo: "O verso difere da prosa não só materialmente, mas men-

talmente. Se não diferísse não haveria nenhuma coisa nem outra, ou haveria só uma que fôsse uma espécie de mistura de ambas. O estado mental que produz verso é diferente do estado mental que produz prosa. A diferença exterior entre a prosa e o verso é o ritmo; a diferença interior entre a prosa e o verso será entre um estado mental que naturalmente se projeta em simples palavras, e um estado mental que naturalmente se projeta em ritmo feito com palavras".<sup>2</sup>

Esta observação pode ser ampliada aos ritmos dos ortônimos e dos heterônimos. Pessoa, Caeiro, Reis, Campos apresentam ritmos diferentes, produzidos, não por artifícios, mas por aquele "estado mental", diverso em cada um deles.

Racionalidade encontra-se mesmo nas experiências surrealistas dos primeiros anos. A batuta do maestro (p. 32) evoca-lhe a infância. Desencadeiam-se associações de lembranças adormecidas. A infância invade a sala de concerto:

*Prossegue a música, e eis na minha infância  
De repente entre mim e o maestro, muro branco,  
Vai e vem a bola, ora um cão verde,  
Ora um cavalo com um jockey amarelo...*

*Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância  
Está em todos os lugares e a bola vem a tocar a  
[música,  
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal  
Vestida de cão verde tornando-se jockey amarelo...  
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos)  
(p. 33).*

Apesar de se emaranharem o presente e o passado, não é difícil traçar a linha divisória entre um e outro. Está-se longe do hermetismo onírico ininteligível para o próprio autor.

Este poema nos leva a outro aspecto da poesia de Fernando Pessoa, a permanência do tempo passado, a evocação da infância. O poeta tem consciência do fluir temporal. O



fluir é ora representado com o rio que passa, ora com um viajar, que é “perder países”. Pessoa é consciente do fluir. Vê “o que o rio faz”. Vê “os rastros que ele traz”.

O passar do tempo, é perda sem dúvida, já simbolizado naquele “viajar! Perder países!” O poeta afirma sem recorrer a metáforas “o meu passado não volta”. (136) A infância é uma idade perdida. Descobre-se no passado com um “sorriso alheio”. (189)

Como na filosofia de Bergson é preciso distinguir entre o tempo exterior e o tempo interior. O tempo exterior é mensurável, pode ser calculado, contado. O tempo interior é duração real. O passado é presença constante:

*Com que ânsia tão raiva  
Quero aquêla outrora!  
E eu era feliz? Não sei:  
Fui — o outrora agora.* (98)

A continuidade do tempo se expressa nos advérbios justapostos *outrora agora*. O tempo modifica o perfil exterior:

*Venho de longe e trago no perfil  
Em forma nevoenta e afastada,  
O perfil de outro ser que desagrada  
Ao meu atual recorte humano e vil.* (45)

Mas o tempo não atinge a continuidade da existência.

“Eu próprio sou aquilo que perdi...” (46) O poeta faz diferença entre o estar (passageiro) e o ser (permanente). Quem o poeta *está* é aniquilado pelo tempo, quem o poeta *é* permanece

*Entre o que vivo e a vida,  
Entre quem estou e sou,  
Durmo numa descida,  
Descida em que não vou.* (171)

O passado perdura não só como lembrança, perdura muito mais como sensibilidade definitivamente integrada no presente. Pode-se confiar no tempo, porque o tempo não destrói

nada, o tempo enriquece. Saudade não é sentida só como ausência, não é o vazio produzido pela perda irreversível de realidade. Saudade tem uma face positiva. Saudade é riqueza, é emoção. É resistência ao fluir incessante. Na saudade o que já foi ainda é.

*Dou à saudade riqueza  
De emoção que a hora tece.* (136)

A infância sentida, lembrada, sonhada tem ainda outra dimensão, futura. Presente, passado, futuro não são compreendidos como divisões. O tempo é duração, é continuidade em que tudo coincide. A infância perdida como passado em outra perspectiva é o futuro que se busca. O passado vive também como possibilidade, como esperança. É a “terra de suavidade”.

*Não sei se é sonho, se realidade,  
Se uma mistura de sonho e vida,  
Aquele terra de suavidade  
Que na ilha extrema do sul se olvida.  
É a que ansiamos. Ali, ali  
A vida é jovem e o amor sorri.*

*Talvez palmares inexistentes  
Aleas longíquas sem poder ser,  
Sombra e sossêgo dêem aos crentes  
De que essa terra se pode ter.  
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,  
Naquela terra, daquela vez.*

*Mas já sonhada se desvirtua,  
Só de pensá-la cansou pensar,  
Sob os palmares, a luz da lua,  
Sente-se o frio de haver luar.  
Ah, nesta terra também, também  
O mal não cessa, não dura o bem.*

*Não é com ilhas do fim do mundo,  
Nem com palmares de sonho ou não,  
Que cura a alma seu mal profundo,*



*Que o bem nos entra no coração.  
É em nós que é tudo. É ali, ali,  
Que a vida é jovem e o amor sorri.* (pp. 160/161)

A terra de suavidade é um sonho. E o cerebrismo pessoano não se deixa embalar em sonhos. Mesmo sonhando Pessoa raciocina. O sonho já se corrompe ao nascer. O poema começa com um *não sei*. Não obstante os *não sei* e *talvez*, o sonho vasado em decassílabos consegue manter-se por dois sextetos. Exatamente na metade do poema, a atitude crítica destrói o sonho. Palmares, áleas, sombra, sossêgo são substituídos pelo cansaço, pelo frio, pelo sonho desvirtuado. A terra da suavidade é transferida para dentro do homem. A resposta não é definitiva, como nada é definitivo na poesia de Fernando Pessoa. A inquietação continua, continua o interrogar, e a busca. Nem a angústia do poeta se reduz a um existir cronológico entre o já-ter-sido e o ainda-não-ser. Fernando Pessoa sofre o tempo, mas não sofre apenas o tempo.

*Mas, em verdade, o que chora  
Na minha amarga ansiedade  
Mais alto que a nuvem mora,  
Está para além da saudade.* (137)

O que está para além da saudade não é o passado, é algo que "entra mais na alma da alma", é como uma nuvem fluando num "céu sem gente", um o que não se sabe bem o que é e não se consente "à alma que o saiba bem".

Fernando Pessoa é um platônico homem da caverna. O que o circunda é um desfilar de sombras. Não é, contudo, um conformado escravo acorrentado. Foi mordido pela suspeita de uma realidade além das sombras.

Contemplando uma árvore, o poeta, de repente, tem a sensação de "estar olhando / onde não olha" (154), de estar olhando para além da árvore. Seu olhar não se detém na árvore. As coisas não têm em si mesmas sua razão de ser, não têm consistência. Desfazem-se tão logo calam sob os sentidos do poeta:

*Onde pus a esperança, as rosas  
Murcharam logo.  
Na casa, onde fui habitar,  
O jardim, que eu amei por ser  
Ali o melhor lugar,  
E por que essa casa amei —  
Decerto o achei,  
E, quando o tive, sem razão pra o ter.*

*Onde pus a feição, secou  
A fonte logo.  
Da floresta, que fui buscar  
Por essa fonte ali tecer  
Seu canto de rezar —  
Quando na sombra penetrei,  
Só o lugar achei  
Da fonte sêca, inútil de se ter.* (87)

Neste como em outros poemas, Fernando Pessoa é um homem que já identificou as sombras, mas ainda não descobriu a abertura por onde penetra o sol. Vêzes há em que desespera do sol, do sentido das coisas. O mundo lhe parece um caos sem sentido.

*Narrei-me à sombra e não me achei sentido.* (54)

A escuridão absoluta, contudo, é apenas um momento na obra de Pessoa. É demasiadamente inquieto, demasiadamente lúcido para entregar-se passivo a uma situação que no momento se apresenta irremediável. O soneto X de *Passos da Cruz* narra o itinerário de uma vida de luta, incertezas, contradições:

*Aconteceu-me do alto do infinito  
Esta vida...  
... e através estranhos ritos  
de sombra e luz ocasional, e gritos  
Vagos ao longe, e assomos passageiros  
De saudade incógnita, êste ser fraco e proscrito...* (53)



Fernando Pessoa é uma inteligência metafísica. Não se conforma com a noite que o sufoca. Não é de sua natureza tanger melancolicamente a lira. Não é cantor só cantor. As reflexões perturbam as notas suaves do canto.

Não reflete pela necessidade pura de refletir. Compromete-se todo, existencialmente no interrogar. O que lhe importa é saber o sentido ou falta de sentido de sua vida.

*Emissário de um rei desconhecido  
Eu cumprio informes instruções de além,  
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm  
Soam-me a um outro e anômalo sentido*

*Inconsciente me divido  
Entre mim e a missão que o meu ser tem,  
E a glória do meu rei dá-me o desdém  
Por este humano povo entre quem lido...*

*Não sei se existe o rei que me mandou.  
Minha missão será eu a esquecer,  
Meu orgulho o deserto em que em mim estou.*

*Mas há! Eu sinto-me altas tradições  
de antes de tempo e espaço e vida e ser...  
Já viram Deus as minhas sensações...*

O motivo de uma força incoercível e estranha domina o livro. É ela que inunda a vida de interrogações. Por angustiante que seja a incerteza, o poeta lhe reconhece um sentido altamente positivo. O soneto de Fernando Pessoa lembra Kierkegaard para quem o homem é o único ser capaz de desesperar. É o desespero que eleva o homem acima do animal e eleva os homens conscientes do desespero acima do "humano povo" por quem o poeta sente "desdém".

Pessoa orgulha-se de ser emissário. De que rei? De um rei desconhecido. O rei, ao menos existe? Não tem certeza. Em que se fundamenta então o orgulho? Em nada, no deserto que é ele. E qual é a vantagem do poeta sobre o "humano povo"? É a consciência do deserto, a consciência do nada, a consciência da dúvida, a consciência da consciência.

Desponta aí com nitidez um problema kafkeano, presente até no motivo do castelo:

*Na sombra do Monte Abiegno  
Repousei de meditar.  
Vi no alto o alto castelo  
onde sonhei de chegar.  
Mas repousei de pensar  
Na sombra do Monte Abiegno*

*Quando fôra amor ou vida,  
Atrás de mim o deixei,  
Quando fôra desejá-los,  
Porque esqueci não lembrei.  
À sombra do Monte Abiegno  
Repousei porque abdiquei.*

*Talvez um dia mais forte  
Da força ou da abdicação,  
Tentarei o alto caminho  
Por onde ao Castelo vão.  
Na sombra do Monte Abiegno  
Por ora repouso, e não.*

*Quem pode sentir descanso  
Com o Castelo a chamar?  
Está no alto, sem caminho  
Senão o que há por achar.  
Na sombra do Monte Abiegno  
Meu sonho é de o encontrar.*

*Mas por ora estou dormindo,  
Porque é sono ou não saber.  
Olho o Castelo de longe,  
Mas não olho o meu querer.  
Da sombra do monte Abiegno  
Quem me virá desprender? (146-147)*

No Castelo de Kafka, o personagem designado K. vem à aldeia, investido de uma função. Fôra nomeado agrimen-



mor e vinha exercer o cargo. Nada mais lhe interessa. Quer uma audiência com o conde. Desde o início, a decisão espanta todos. Percebe-se na reação dos aldeões que a intenção de K. é loucura. K. não lhes dá importância. Põe-se a caminho. Segue pela estrada que parece levar ao Castelo. Notou, de repente, que a estrada não conduzia ao Castelo. Parecia aproximar-se dele, sem alcançá-lo nunca. Continuava a caminhar, na esperança de, por fim, o caminho enveredar para o alvo desejado. Vencido pelo cansaço e pela neve, busca abrigo na casa de um dos moradores.

Este é o início dos sacrifícios fantásticos, absurdos para entrar em contato com uma autoridade do Castelo. O intento não se realiza nunca. Conversar com funcionários da última categoria é o mais que consegue. A situação de K. é de insegurança, angústia, miséria, dor. Não obstante lhe afirmam ocupar posição privilegiada pelo fato de estar vinculado ao Castelo por aquela misteriosa nomeação. K. luta para desvendar o mistério. A situação agrava-se-lhe dia a dia. Comete erros por ignorância e se sente culpado deles. Não avança, também não recua. Não perde a esperança, e nada lhe dá razão para esperar. K. percebe que toda a sua vida está em jogo. A busca do Castelo significa agora vencer ou ser destruído.

A semelhança entre os dois castelos, o de Kafka e o de Fernando Pessoa é palmar. O Castelo do Monte Abiegnio chama o poeta. O chamamento não lhe deixa descanso. O seu repouso é falta de repouso. Nenhum caminho leva a êle. O caminho precisa ser achado. Será achado algum dia? K. e Fernando Pessoa cumprem ordens de senhores desconhecidos. Um e outro se empenha existencialmente na busca de sentido num mundo que o perdeu. O que os mantém vivos é a esperança de vencer as dificuldades, penetrar no Castelo, encontrar a realidade esclarecedora, dar sentido à vida e às coisas, repousar — esperança contaminada de desespero.

Esta é uma luta de homens despertos. A imagética da vigília e do sono perpassa os versos pessoanos. E já a encontramos, na mesma relação, 5 séculos a.C., nos fragmentos de Heráclito. Como o de K., o sono de Fernando Pessoa é feito de sobressaltos. Desperta para refletir, para ver se consegue vislumbrar nas trevas uma réstia de luz. No estar des-

perto está seu título de nobreza e sua maldição. Quando o poeta sente o limite intransponível, o Castelo para sempre inatingido, nascem versos como os do soneto intitulado *Abdicação*:

*Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços,  
E chama-me teu filho.*

*Eu sou teu rei  
Que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.*

*Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mãos viris e calmas entreguei;  
E meu cetro e coroa, — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços.*

*Minha cota de malha, tão inútil,  
Minhas esporas de um tinir tão fútil,  
Deixei-as pela fria escadaria.*

*Despi a realzeza, corpo e alma  
E regressei à noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia. (217)*

Os psicólogos designam o sentimento que traduzem êstes versos instinto de letalidade. É o filho desejoso de retornar ao ventre materno, ao paraíso perdido, à mãe terra, à noite eterna. É um rei que abdica. É o homem consciente da superioridade despojando-se dela, saudoso do sono da consciência.

A linguagem de Fernando Pessoa é por vez castigada. A sintaxe contorce-se violenta, instrumento agressivo erguido contra a paz dos adormecidos. Nada disso aparece em *Abdicação*. Os períodos correm serenos, embalam para dormir, morrer. O som lúgubre o abre o poema, carrega-o de escuridão em ó noite, e a noite cresce acusticamente sobre o trono de sonhos. O fonema *a* que domina o primeiro verso do segundo quarteto:



*Minha espada, pesada a braços lassos*

não anuncia a aurora de um novo dia. O som é pesado, cansado, puxa para baixo, para a terra, que abrigará o guerreiro vencido. Nos últimos dois versos, o individual se dilata, confunde-se com o universal. O rei morre como morre a natureza:

*E regressei à noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.*

Com este soneto entramos em outro fecundo tema pessoano: a morte. O tema da morte se liga ao tema da escuridão, da infância, da terra de sonhos, da inconsciência. Este conjunto temático contrapõe com o estar desperto, o lutar, o viver, o buscar, o estar irrequieto. Estes dois temas são os fundamentais do poeta lírico e revelam todo o conflito interior entre o esperar e o desesperar, entre a consciência e a inconsciência, entre a idade adulta e a infância, entre a vida e a morte.

Não há no poeta resposta única ao problema da morte. No poema *Tenho dó das estrêlas* (206), ele a deseja. A morte é o fim do cansaço de existir. O fim sugere até a possibilidade de uma grande razão, ou de

*Qualquer coisa assim  
como um perdão?*

O contar com o perdão leva a crer que Fernando Pessoa sinta imperfeição na vida, uma culpa no existir, e esteja diante de outro tema kafkeano.

No poema *A morte chega cedo* (177), a morte é vista como a fatalidade que frustra a perfeição:

*O amor foi começado  
O ideal não acabou,  
E quem tenha alcançado  
Não sabe o que alcançou.*

O que se alcançou não é parte do todo, não se sabe o que é. Volta a idéia da existência como erro:

*E tudo isto a morte  
Risca por não estar certo. (177)*

Entre as posições de Fernando Pessoa diante da morte, encontra-se também uma ocultista. É a do poema intitulado *Iniciação* (235) que termina com o verso

*Neófito, não há morte.*

Mas esta é apenas uma posição entre as demais. Tudo leva a crer que não é a mais séria.

A poesia de Fernando Pessoa não é de respostas é de dúvidas, é de perguntas. Não nega a realidade, busca-a. Desespera com frequência por sentir que a verdade está além das possibilidades de alcançá-la. Ao refletir, surpreende-se dividido. Dá liberdade aos eus que em si descobre, permite-lhes expandirem-se, nascem os heterônimos.

*Como Alguém distraído na viagem,  
Segui por dois caminhos par a par.  
Fui com o mundo, parte da paisagem,  
Comigo fui, sem ver nem recordar.*

Ora, este eu que se separa de Fernando Pessoa, se distrai na viagem, faz parte da paisagem é o eu que receberá do poeta o nome Alberto Caeiro. Lê-se na página 47 do livro atribuído a Alberto Caeiro:

*O meu olhar azul como o céu  
É calmo como a água do sol  
É assim, azul e calmo,  
Porque não se interroga e não se espanta*

*Se eu me interrogasse e me espantasse  
Não nasciam flôres novas nos prados*

[.....]

*Porque tudo é e assim é que é,  
E eu aceito, e nem agradeço,  
Para não parecer que penso nisso...*



Alberto Caeiro revela-se o antípoda de Fernando Pessoa. O espanto não o afasta da realidade sensorial. Interrogações não lhe cerram os olhos para indagar sobre o que está além do visível. Alberto Caeiro sente que as interrogações de Fernando Pessoa destroem a realidade rica e bela. O olhar de Alberto Caeiro prêso no céu, tem o azul do céu, isto lhe basta. O personagem que está no extremo oposto de Fernando Pessoa vemo-lo nascer na própria poesia de Fernando Pessoa. No poema *Liberdade*, da autoria do ortônimo, já temos um Alberto Caeiro completo, falta apenas pôr-lhe nome

*Grande é a poesia, a bondade e as danças ...  
Mas o melhor do mundo são as crianças.*

Ricardo Reis, outro heterônimo, é um estóico bafejado de epicurismo como Horácio. Crê-se a si próprio e o mundo regido por leis inflexíveis. A liberdade do homem consiste em submeter-se ao irremediável.

*Só esta liberdade nos concedem  
Os deuses: submetemo-nos  
Ao seu domínio por vontade nossa.  
Mais vale assim fazermos  
Porque só na ilusão da liberdade  
A liberdade existe. (42)*

Fernando Pessoa não se sente submetido a leis absolutas como Ricardo Reis. Mas inveja as leis fatais que regem o gato: (133)

*Gato que brinca na rua  
Como se fôsse na cama,  
Invejo a sorte tua  
Porque nem sorte se chama.*

*Bom servo das leis fatais  
Que regem pedras e gentes ...*

Está nestes versos Ricardo Reis em potência.

Alvaro de Campos é extravasamento do instintivo, do irracional. Os ritmos tornam-se inumeráveis como os de Whitman. E como Whitman, Álvaro de Campos é panteísta. A vida explode incontrolada, liga o homem ao todo:

*Sou um formidável dinamismo obrigado ao equi-  
[brio  
De estar dentro do meu corpo, de não transbordar  
[da minh'alma.  
Ruge, estoura, vence, quebra, estonteia, sacode,  
Fremente, treme, espuma, venta, viola, explode  
Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te e foge,  
Se com todo o meu corpo todo o universo e a vida,  
Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,  
Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos  
[e fogos,  
Sobrevive-me em minha vida em todas as direcções  
(107-108)*

Este Alvaro de Campos já desponta em *Chuva Obliqua* de Fernando Pessoa. Mostram-no os versos que transcrevemos:

*Lá fora vai um redemoinho de sol, os cavalos do  
[carroussel ...  
Árvores, pedras, montes, bailam parados dentro de  
[mim ...  
Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de  
[sol de fora,  
E as luzes todas da feira fazem ruído dos muros  
[do quintal ...  
Ranchos de raparigas de bilha à cabeça  
Que passam lá fora, cheias de estar sob o sol,  
Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gen-  
[te que anda na feira  
Gente toda misturada com as luzes das barrancas,  
[com a noite e com o luar,  
E os dois grupos encontram-se e penetram-se  
Até formarem só um que é os dois ...*



Se os heterônimos nascem do eu básico que é Fernando Pessoa e se constituem em personagens autônomas, Fernando Pessoa continua nêles com o que tem de mais característico: a lucidez racional. Álvaro de Campos dirá:

*Estou lúcido e louco. (53)*

Alberto Caeiro, o poeta do visível, do céu, do sol, das flores diz:

*Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!*  
(50)

Ricardo Reis não reconhece valor nem bem naquilo de que não tem consciência:

*O sono é bom pois despertamos dêle  
Para saber que é bom...*

Fernando Pessoa é um dos maiores poetas de língua portuguesa e um dos grandes poetas do Ocidente. Em que reside a grandeza? Reside na vivência e na expressão do humano com profundidade e amplitude. Não há leitor que não descubra algo de si nas personalidades múltiplas em que se desdobra o poeta. Fernando Pessoa é um dos raros em quem se encontra tudo. E ele o sabia. Álvaro de Campos compreendeu em que reside a grandeza do poeta e com esta citação concluiremos:

*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir,  
Sentir tudo de todas as maneiras.  
Sentir tudo excessivamente,  
Porque todas as coisas são, em verdade excessivas  
E toda a realidade é um excesso, uma violência,  
Uma alucinação extraordinariamente nítida  
Que vivemos todos em comum com a fúria das al-  
[mas,  
O centro para onde tendem as estranhas forças cen-  
[trífugas*

*Que são as psiques humanas no seu acôrdo de sen-  
[tidos  
Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como  
[várias pessoas,  
Quanto mais personalidades eu tiver,  
Quanto mais intensamente, estritamente as tiver,  
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,  
Quanto mais unificadamente diverso, dispersamente  
[atento,*

*Estiver, sentir, viver, fôr,  
Mais possuirei a existência total do universo.  
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.*